



# O MUNDO A SEUS PÉS: O PODER NA PALMA DA MÃO

15 setembro 2026

O *smartphone* é hoje um dispositivo técnico e um objeto geoeconómico e geopolítico, funcionando como interface de acesso, sensor distribuído, arquivo pessoal, plataforma económica e território de competição estratégica entre Estados e empresas. A sua centralidade coloca desafios relevantes à soberania digital, à segurança, à autonomia tecnológica e à governança global.

A expressão “o mundo a seus pés” remete para a ideia de poder, influência e capacidade de projeção. Neste artigo, essa imagem é deslocada para o *smartphone*, cuja centralidade quotidiana permite observar uma transformação estrutural: o poder económico, informacional e político passou a ser mediado por dispositivos móveis, plataformas digitais, dados e infraestruturas técnicas. Na dimensão geopolítica, em particular no contexto da competição entre os Estados Unidos e a China, a distância entre poder real, poder projetado e poder percebido tornou-se um fator relevante ou irrelevante, dependendo apenas do observador.

Narrativas oficiais, capacidades tecnológicas, estratégias industriais e instrumentos de influência coexistem num espaço em que a percepção pública pode produzir efeitos políticos, mesmo quando não suportada plenamente em factos. O *smartphone* insere-se neste quadro porque concentra tecnologias, dados, marcas e plataformas que difundem, criam e podem manipular factos, participando desta forma diretamente na competição entre empresas e Estados.

No contexto geoeconómico e geopolítico atual, a digitalização, a inovação e a tecnologia deixaram de ser apenas instrumentos de eficiência económica e passaram a constituir dimensões centrais de poder. As grandes plataformas digitais prometeram maior conectividade, acesso à informação e democratização do conhecimento; contudo, concomitantemente, induziram novas formas de dependência, concentração de mercado, vigilância, desinformação e polarização. O subtítulo deste artigo – “o poder na palma da mão” –, faz a associação da mão, como elemento intrínseco à natureza fisiológica, estrutural para o funcionamento humano, na medida em que crítico para uma parte significativa das funções operativas essenciais, pese embora não

valorizado quando comparado com as dimensões políticas, geopolíticas, financeiras ou culturais, normalmente associadas à expressão.

... a digitalização, a inovação e a tecnologia deixaram de ser apenas instrumentos de eficiência económica e passaram a constituir dimensões centrais de poder.

Mas as dimensões fisiológicas e políticas estão indubitavelmente ligadas, na medida em que o poder humano e a sua capacidade de interação e manobra sobre questões críticas, quer sejam nos domínios da segurança, defesa, tecnológicas ou económicas, passam pela manipulação física de objetos e artefactos, mas igualmente e numa visão abrangente, porque a concentração atual do poder, de todos os tipos, reside nas “mãos” de poucos. Neste sentido o poder está concentrado, física e estruturalmente, em pontos críticos que podem ser abarcados metaforicamente por uma mão.

## **O *smartphone* e o contexto económico e político**

A dispersão e usabilidade do *smartphone* – presente em praticamente todas as sociedades e classes sociais – transformou-o numa infraestrutura essencial para o lazer, a liberdade individual, a imagem, a economia, a política, a segurança ou cultura. A sua centralidade na vida quotidiana e nas cadeias de valor digitais levanta questões sobre poder, dependência tecnológica e rivalidade geopolítica. A contribuição que este artigo pode aportar ao conhecimento sobre plataformas digitais de poder reside na integração de várias dimensões:

- Uma dimensão infraestrutural que associa *chips*, redes, sistemas operativos;
- A dimensão económica que incorpora plataformas, dados, mercados digitais;
- A dimensão geopolítica que enquadra a competição entre Estados e em particular a rivalidade EUA–China, sobre soberania digital, cibersegurança e globalização;
- Uma dimensão cognitiva sobre os efeitos da informação e do conhecimento sobre as pessoas e as sociedades.

A geoeconomia analisa como instrumentos económicos – cadeias de valor, inovação, tecnologia, comércio, investimento – são usados para fins estratégicos. O *smartphone*, ao integrar *hardware*, *software*, dados e redes, torna-se um elemento central do poder estrutural na medida em que as multinacionais, protagonistas chave da geoeconomia, vivem da circulação de informação e conhecimento, associado a fluxos financeiros, explorando meios tecnológicos potenciados pela inovação, onde o *smartphone* se insere.

O indivíduo, com suporte no *smartphone*, transformou-se num promotor, gerador e divulgador de narrativas, opiniões e imagens. As funções de *marketing* e promoção são, em paralelo, atividades corporativas e atividades delegadas em agentes que, com suporte nomeadamente nas redes sociais, promovem as ofertas.

Por outro lado, a inovação de que os *smartphones* são uma “montra”, comporta uma dimensão estética e de *design* que, integrada com usabilidade e facilidade de acesso, promove uma imagem, uma estética do poder, quer das empresas quer dos Estados.

A Apple, como paradigma da estética do poder dos EUA, promove um diálogo estético suportado no *design*, na qualidade do produto e na depuração das suas embalagens, na facilidade de utilização e na integração quer de plataformas quer de serviços.

A esta estética procura contrapor-se a Huawei, seguindo muitos dos padrões comerciais americanos e promovendo, dentro da mesma gama de funcionalidades, componentes mais potentes ou eficientes. A estética do poder da China baseia-se na eficiência industrial, no preço e na qualidade que procura integrar nos produtos.

A inovação em todo este contexto não é apenas um recurso geoeconómico, mas um recurso autónomo que, incorporando tecnologias, alavanca plataformas digitais estruturantes da Ordem Internacional.

### **O smartphone na geopolítica da inovação e tecnologia**

O processo de digitalização das economias não é apenas uma resposta económica aos desafios decorrentes da concorrência ou das alterações climáticas e consequentemente da transição da economia do carbono para a economia digital, mas a transformação das infraestruturas fundamentais a cada Estado, de uma realidade física, numa realidade física integrada numa rede global. Rede essa que se constitui como uma potencialidade, mas também como ponto de vulnerabilidade. Neste sentido as infraestruturas digitais funcionam como novos territórios estratégicos porque englobam vetores do poder implícito e explícito dos Estados. Sistemas operativos, *chips*, plataformas e padrões tecnológicos são vetores estratégicos, mas como constituintes das plataformas digitais, elementos estruturantes que moldam relações de dependência e autonomia entre Estados.

A cadeia que integra investigação, ensino, inovação e tecnologia é uma cadeia estratégica para todos os Estados, na medida em que a globalização e a circulação do conhecimento são uma decorrência das novas realidades económicas, em particular por serem instrumento de penetração e difusão do poder das multinacionais. Mas sendo a preservação de conhecimento, inovação e tecnologias estratégicas um vetor de soberania e poder dos Estados, em particular dos EUA, estes procuram dificultar, retardar ou bloquear o acesso de terceiros a esses vetores críticos para a manutenção da sua liderança mesmo que apenas local. O processo de gestão dessas tecnologias críticas é complexo na medida em que estas são produzidas e desenvolvidas em múltiplas localizações físicas que integram ecossistemas glo-

bais de inovação e, por essa razão, difíceis de gerir e controlar, porque mais expostas a processos de apropriação indevida.

Os *smartphones* integram essa cadeia estratégica de valor quer no que respeita a *chips*, a memórias, a baterias, a sistemas operativos, a plataformas de produção ou de gestão e, por essa razão, são alvo de permanente disputa.

As novas realidades instrumentais materializadas em *drones*, aéreos ou marítimos, demonstram o potencial das novas tecnologias, na medida em que o poder integrado entre informações, *chips* e algoritmos, nos processos de seleção e ataque a alvos por parte de plataformas de custo quase irrisório – quer esses alvos sejam pessoas, plataformas ou infraestruturas –, democratiza o poder e dispersa a capacidade de produção das mesmas, sendo que quer as unidades de comando e controle quer muitos dos novos sistemas de vigilância ou ataque podem ser operadas ou geridos a partir de *smartphones*.

### **Economia da atenção**

Plataformas móveis, redes sociais e processos digitalizados capturam dados, comportamentos e atenção, reorganizando fluxos informacionais e influenciando processos políticos, sociais e económicos. A procura da atenção, do impacto emocional ou estético, a imitação e/ou a indução da compra são objeto de estudo da psicologia social e do *marketing*, mas as novas plataformas digitais elevaram este processo para outro patamar de sofisticação na medida em que competem pela retenção da atenção do utilizador de modo quase exclusivo.

A análise comportamental é determinante para a definição do perfil do utilizador, o que alimenta os sistemas de decisão

sobre as informações e os dados relevantes que captam a atenção dos mesmos. O valor económico dessa atenção, com reflexo em compra e preferências, é imenso para as marcas globais.

Os *smartphones* são os veículos e as plataformas de acesso e de difusão destas estratégias de captação do utilizador, sendo que as utilizações são múltiplas passando do comercial para o político e religioso.

As redes sociais e os gigantes da tecnologia utilizam o tempo de atenção e de retenção dos utilizadores como mercadoria que é comercializada juntos dos produtores de produtos de massa. Desta forma, a atenção humana transformou-se num ativo económico da era digital em decorrência da dimensão e diversidade da informação que circula na rede global e da dispersão que esse facto provoca.

A captura da atenção do utilizador e o tempo despendido num *smartphone*, visto de forma positiva, constitui-se como um valor para o potencial aumento do conhecimento, mas que de forma negativa, contribui para um afunilamento desse mesmo conhecimento, uma potencial manipulação sobre opiniões e interpretações dos factos, uma potencial deturpação da verdade e a criação de uma dependência crítica, do homem da máquina.

### **Cadeias de valor global**

O ecossistema de comunicações móveis emprega cerca de 50 milhões de pessoas e gera receitas fiscais superiores a US\$ 800 mil milhões anuais.

A concentração de cadeias de valor (ver Caixa 1) cria vulnerabilidades estratégicas, sobretudo para países sem capacidade industrial avançada, mas igualmente limitações importantes à sua capacidade de desenvolvimento.

#### **CAIXA 1. CONCENTRAÇÃO DAS CADEIAS DE VALOR GLOBAL**

A produção de smartphones depende de cadeias altamente concentradas:

- TSMC produz mais de 90% dos *chips* avançados;
- Samsung domina memória e *displays*;
- Apple e Google controlam sistemas operativos;  
A China controla os processos industriais críticos;
- Os EUA dominam a investigação, em Universidades e Centros de Investigação de primeiro nível;
- Os EUA dominam a engenharia financeira de promoção e desenvolvimento da inovação;
- A China domina a cadeia de exploração e tratamento das terras raras, as tecnologias de baterias e de telecomunicações 5G.



Importa recordar que praticamente todas as tecnologias que integram um *smartphone* são de utilização dual, ou seja, integram plataformas diversas que vão dos contextos domésticos aos de segurança e defesa, dando profundidade de mercado e aumentando quer a competição entre empresas e Estados quer a apetência pela dispersão e o esforço e investimento em novos centros de conhecimento.

### O *smartphone* como plataforma tecnológica

Um *smartphone* do tempo presente concentra uma quantidade de tecnologias críticas, disruptivas algumas delas, que caracterizam, moldam, formatam e também desconstróem, contextos empresariais, políticos e de segurança, porque comportam várias dimensões, complementares, na medida em que integram, num equipamento pessoal, o nó de uma rede global, sem a qual funciona de forma limitada. Insere-se, assim, como elemento fulcral nas disputas geopolíticas e geoeconómicas pelas tecnologias associadas, na medida em que, para além das tecnologias de comunicações de voz, incorporam sistemas de geocalização, aplicações de inteligência artificial, sistemas de controlo tátil e por voz, processadores sofisticados e baterias de baixa dimensão e alta capacidade (ver Caixa 2).

Para além destas tecnologias específicas, um telemóvel é um complexo ecossistema de outras tecnologias, todas de dimensão reduzida e baixo consumo de energia, produzidos por uma sofisticada e exigente cadeia de fornecedores que alimentam unidades industriais fortemen-

te automatizadas, geridas por equipas humanas de elevada formação técnica e de gestão.

### O *smartphone* na sociedade digital

O *smartphone*, para além de nó de uma rede, é a plataforma mais potente e de maior impacto, porque mais difundida, no conhecimento sobre o mundo nas vertentes políticas e sociais, gerando expectativas e criando imagens que geram efeitos de imitação e desejo, quer isso seja materializado por contacto com novas realidades, imagens de ídolos ou indução/criação de desejos.

## Dados que, processados por algoritmos, aumentam o conhecimento sobre atividades económicas, sobre comportamentos sociais e políticos e sobre objetivos e alvos de segurança e militares.

O bom e o mau da natureza humana são amplificados pela capacidade, facilidade e universalidade do acesso, quer isso se materialize em pornografia, difusão e venda de drogas ou armas, organização de grupos terroristas, mas também, organização de equipas de socorro, solidariedade e apoio em situações de crise ou de catástrofe, difusão da solidariedade social e promoção de uma religião ou de um projeto social ou ambiental.

O *smartphone* é o principal ponto de acesso ao comércio eletrónico, pagamentos móveis, trabalho em plataformas e serviços

públicos digitais. A GSMA projeta que o impacto económico da conectividade móvel atingirá US\$ 11,3 biliões (trillion) em 2030.

Mas o *smartphone* é também o maior dispositivo de extração de dados da história. Dados que alimentam publicidade digital, algoritmos de recomendação, modelos de IA e sistemas de vigilância. Dados que, processados por algoritmos, aumentam o conhecimento sobre atividades económicas, sobre comportamentos sociais e políticos e sobre objetivos e alvos de segurança e militares.

### O *smartphone* como instrumento geopolítico

O *smartphone* pode ser entendido como uma infraestrutura geopolítica portátil. Os conflitos do século XXI mostram o potencial das tecnologias simples e de controlo e utilização dispersa, materializadas em *smartphones*, *drones* e sistemas *anti-drones*, comunicações e sistemas de empastelamento de comunicações e sistemas autónomos e semiautónomos *versus* o custo de mísseis e sistemas antimísseis, de veículos pesados ou de navios de guerra. Todas as tecnologias utilizadas nesses novos sistemas estão presentes num *smartphone*, ou seja, são de utilização dual.

Os produtores e detentores dos atuais veículos de exercício do poder de produção estão em rápida transição, no *design* e gestão, para, a partir do potencial que os novos sistemas aportam, os integrarem, de modo complementar com essas plataformas. Contudo, essa integração implica alteração de paradigmas, de cadeias de fornecedores e de interesses, quer do lado dos fornecedores quer dos compradores, mas abrem, paralelamente, oportunidades para terceiros, empresas e países, se posicionarem como potenciais fornecedores, dando expressão ao valor do conhecimento como ativo crítico volátil.

É de comum entendimento que as tecnologias duais estão a alterar os paradigmas e as potenciais valências dos sistemas de armas, mas o potencial de captura e tratamento de informações por sistemas “inteligentes”, abre um imenso manancial de opções que questionam as convenções atuais sobre o poder e as formas como o poder é exercido, de forma direta ou por recurso a terceiras entidades, em ações diretas ou explorando vulnerabilidades identificadas e geridas por esses mesmos sistemas.

### CAIXA 2. AS CAMADAS TECNOLÓGICAS E FUNCIONAIS DE UM SMARTPHONE

Um *smartphone* é composto por múltiplas camadas tecnológicas e funcionais:

- O processador integrado que comporta-integra, para além da unidade de processamento, as unidades de memória e o sistema de interação com as comunicações – modem e antenas, processa gráficos, potencia os algoritmos de IA e faz a gestão da energia;
- A unidade de comunicações que engloba os protocolos 4G/5G de comunicações móveis e respetivas antenas assim como sistemas de WI-FI, Bluetooth, GPS e NFC;
- O sistema de bateria, com respetivas unidades de carregamento e arrefecimento;
- O sistema responsável pelo interface humano que para além do ecrã integra o sistema *touchscreen*, a gestão dos botões, os altifalantes e microfones e a sistema de vibração;
- O sistema de imagem que comporta a câmara fotográfica com os respetivos sensores e sistema de flash integrado com o sistema de som;
- O sistema de sensores que comportam o acelerómetro, o giroscópio, o sensor de proximidade, o sensor de brilho, a bússola e os sensores biométricos.

O ecossistema que enquadra a cadeia de valor dos *smartphones* é um dos campos centrais da disputa tecnológica entre EUA e China – disputa que se materializa em várias dimensões, com grande diversidade de atores e múltiplos instrumentos e políticas: restrições dos EUA à Huawei (*chips*, Android, 5G); esforços chineses de autonomia tecnológica (Harmony OS, SMIC, padrões industriais); controlo norte americano sobre semicondutores avançados e propriedade intelectual.

Os Estados procuram preservar o controlo sobre dados, plataformas e infraestruturas críticas, porque vitais para a sua segurança.

A União Europeia regula ecossistemas móveis através do DSA/DMA; a Índia desenvolve infraestruturas digitais próprias; a China implementa modelos de governança digital centralizada que procura manter o fluxo de informação crítica ao desenvolvimento da sua indústria, mas, em simultâneo, bloqueia a difusão de opiniões e informações que considera estratégicas e/ou promotoras de ações contra os interesses chineses.

Os EUA, através de programas globais, procuram controlar o acesso a informações, conhecimento e tecnologias estratégicas, assim como controlam os fluxos financeiros quer de investimento externo nos EUA quer de investimento de empresas americanas em setores e países concorrentes – o que lhes permite manter a liderança, mesmo sabendo que apenas conseguem atrasar os processos.

### **O *smartphone* no contexto da cibersegurança**

O custo global do cibercrime deverá atingir US\$ 15,63 biliões (*trillion*) em 2029. *Smartphones* são alvos privilegiados por armazenarem de dados de biometria, localização, comunicações e credenciais financeiras.

A digitalização das economias e das sociedades transforma-as em integrantes de várias redes locais e regionais, que se integram na grande rede global. Este facto permite a circulação da informação, mas igualmente que atores externos dotados dos meios e conhecimentos tecnológicos, possam navegar na rede e aceder, virtualmente, a qualquer ponto da mesma. Esta capacidade é determinante para as atividades de roubo de natureza económica e política, mesmo nos domínios estratégicos e militares, o que levou um

responsável a afirmar terem os EUA sido objeto, nos últimos anos, do “maior roubo da história humana”, levado a cabo, por esta via, por agentes de países terceiros. Mas o crime organizado também conhece bem as potencialidades do processo e através de engenharia social, ou diretamente por acesso indevido ou por introdução de agentes algorítmicos, extraírem credenciais bancárias e/ou outras informações pessoais e desta forma realizam atos ilícitos.

## **A centralidade das novas plataformas cria, também, novas assimetrias: Estados dependentes de infraestruturas privadas; empresas com poder supranacional; indivíduos expostos a vigilância e manipulação.**

Algoritmos de IA focam-se em detetar fragilidades nas diferentes infraestruturas, em particular *smartphones* e sistemas computacionais corporativos, com foco na prevenção do cibercrime. Mas outros algoritmos procuram essas mesmas fragilidades para determinarem meios e formas de acesso a informações e sistemas críticos.

A guerra cibernética é uma dimensão do confronto entre Estados que ganha crescente relevância económica e política. A análise comportamental de pessoas e grupos permite entender e antecipar comportamentos e, a partir disso, aconselhar ou decidir por ações contra essas pessoas e grupos, quer sejam de aniquilação, controle ou vigilância.

### **O *smartphone* como dispositivo de poder pessoal**

O *smartphone* é o símbolo do que podemos chamar a “micro soberania individual”, na medida em que é porta de acesso ao mundo, vetor de captura de informação e conhecimento, plataforma de edição e difusão de opiniões, estrutura de suporte a atividades económicas próprias, plataforma de difusão de imagem e promotor do indivíduo como consumidor, produtor e *influencer* – na medida em que permite mobilização política, coordena-

ção social, denúncia, criação e difusão de produtos e serviços e produção de narrativas. É simultaneamente ferramenta de afirmação de poder individual, instrumento de vigilância e plataforma de controle sobre terceiros. Neste sentido, é polo de poder e veículo comportamental porque é, simultaneamente, objeto, infraestrutura, plataforma, sensor, arquivo e território geopolítico.

Esta realidade sistémica desenvolve o conceito de “guerra colaborativa”, não porque a guerra não seja um processo coletivo e global, mas porque o indivíduo ganha uma dimensão geopolítica e estratégica, quando equipado com um *smartphone*, superior ao tradicional. Isto porque pode servir de veículo de vigilância e difusor de informações em tempo-real, de rastreador de plataformas e unidades militares, de identificador de plataformas específicas, fornecedor de localizações precisas e também identificador e *reporter* de ações, assim como de quem e como as efetuou.

Mas a centralidade das novas plataformas cria, também, novas assimetrias: Estados dependentes de infraestruturas privadas; empresas com poder supranacional; indivíduos expostos a vigilância e manipulação.

Um *smartphone* é estruturalmente um nó de uma rede mundial que engloba múltiplos serviços e valências, sendo um veículo individual de edição, promoção e divulgação de informações e conhecimento, que, associado a motores de pesquisa, permite acesso a tudo o que é publicado, dito ou difundido globalmente. A introdução de ferramentas de IA permite expandir essa capacidade, na medida em que o acesso a informação estruturada, por interface via voz natural ou a síntese de voz, em resposta a questões colocadas, transforma os sistemas não apenas numa extensão humana, mas “substituindo-se” à própria capacidade humana. Um exemplo das funcionalidades disruptivas neste novo contexto é a tradução simultânea entre uma larga gama de idiomas, o que quebra uma das barreiras críticas do relacionamento interpessoal, ampliando potencialidades e valências intrinsecamente humanas.

Mas é no domínio das organizações que os impactos são potencialmente mais significativos. Um humano equipado com um telemóvel pode, potencialmente, entrar física ou virtualmente em



qualquer empresa, mas também e sem necessitar de qualquer interface humano, ser identificado, sendo ou não cliente ou fornecedor, disponibilizando ou podendo disponibilizar, ao sistema da empresa uma ficha completa do seu perfil como cliente/fornecedor o que possibilita pesquisar mas também, da parte do fornecedor, aconselhar sobre produtos/serviços ou simplesmente encaminhar para os setores de potencial valia para o cliente, para o fornecedor ou “talvez” para ambos. Para além disso, pode fornecer indicações que facilitem a procura ou o acesso a produtos e serviços disponíveis ou em catálogo, para além de providenciar e processar os respetivos pagamentos ou interagir com a instituição de venda ou de crédito, se for o caso. O visitante pode ainda receber ajuda na escolha, com informação sobre características de cada opção, produtos alternativos, análises funcionais, técnicas e financeiras, ou confronto com opções tomadas anteriormente e logístico/operacional para por uma entrega na residência ou em qualquer outro local alternativo. A experiência mais ou menos rica e envolvente do cliente depende das funcionalidades disponibilizadas pela aplicação da empresa em questão, em interação com o *smartphone* disponível e respetivas configurações pessoais.

No dia a dia, o interface com os sistemas domésticos, do fogão ao frigorífico, do ar condicionado ao veículo de transporte, podem também ser programados, controlados e geridos a partir do telemóvel que, para além disso e se associado a *devices* complementares, pode também aceder aos parâmetros vitais da biologia humana, monitorando e analisando funções e parâmetros críticos em ligação com sistemas de saúde, de apoio e a seguradoras, para além de manter informados outros sistemas e/ou humanos em caso de urgência.

O *smartphone*, se complementado com autómatos (*humanóides*), pode servir de apoio logístico e mesmo cuidador funcional de pessoas com limitações de mobilidade ou cognitivas, na medida em que comportam funções de controle logístico de tudo o que possa ocorrer numa habitação, para além de poderem acompanhar, do ponto de vista interativo, através de conversação básica e disponibilizações de ambiente e de funções lúdicas (música, filmes e TV) seres humanos.

Todas estas funcionalidades podem, com recurso aos mesmos sistemas e tecnologias, serem utilizados para controlar e gerir um perímetro de segurança, um *drone* ou um enxame de *drones*, sistemas autónomos ou semiautónomos, aéreos e navais, e – em interação com sistemas de captação de som e imagem – a identificação de alvos, deteção de ameaças ou eliminação das mesmas, integrados em sistemas de defesa e segurança.

### Conclusão

No século XXI, o *smartphone* tornou-se no objeto, pequeno e de uso quotidiano, com maior impacto geopolítico. É um sistema de bolso que liga indivíduos a sistemas de poder globais, integra infraestruturas invisíveis, condiciona políticas industriais e redefine a própria natureza da competição internacional. Compreender o *smartphone* é compreender a geopolítica da era digital.

## Responder aos desafios colocados pelo *smartphone* exige políticas de segurança, regulação, transparência algorítmica, literacia digital e autonomia tecnológica.

O *smartphone* é um instrumento central de poder porque articula conectividade, dados, plataformas, cadeias industriais e práticas sociais. A sua importância empírica decorre da escala da conectividade móvel, do peso económico das comunicações digitais, da concentração das cadeias de valor tecnológicas, da sua influência sobre comportamentos sociais e políticos e da sua inserção em disputas geopolíticas entre Estados e empresas.

A análise desenvolvida mostra que o *smartphone* não deve ser entendido apenas como dispositivo de comunicação, mas como infraestrutura socio-tecnológica, interface económico, sensor distribuído e ponto de acesso a ecossistemas digitais globais. Esta centralidade permite ampliar capacidades individuais e coletivas, mas também intensifica formas de dependência tecnológica, de vigilância, extração de dados e exposição a manipulação informacional.

No plano geoeconómico e geopolítico, o *smartphone* evidencia a interdependência entre inovação, cadeias globais de valor, plataformas digitais e soberania tecnológica. A disputa pelo controlo de semicondutores, sistemas operativos, dados, normas técnicas e infraestruturas móveis demonstra que o poder contemporâneo é exercido tanto por Estados como por empresas capazes de controlar pontos críticos da arquitetura digital.

Assim, responder aos desafios colocados pelo *smartphone* exige políticas de segurança, regulação, transparência algorítmica, literacia digital e autonomia tecnológica. O objeto deste artigo é contribuir para se compreender como na vida quotidiana, a economia digital e a competição estratégica se tornaram dimensões interdependentes do poder no século XXI. ●

<https://doi.org/10.26619/2183-4822.2026.CJ.21>

### Referências

- Documentos estratégicos: EUA, China, União Europeia  
Documentos/relatórios industriais/empresariais: TSMC, Huawei, Apple, Google.  
GSMA (2026). *The Mobile Economy Report 2026*.  
<https://www.gsma.com/solutions-and-impact/connectivity-for-good/mobile-economy/>  
Mueller, B. (2026). Smartphones and Polarization: Cross-Country Evidence. *Comparative Economic Studies*, Palgrave Macmillan; Association for Comparative Economic Studies, vol. 68(3), 1-29. DOI: 10.1057/s41294-026-00290-8  
Ford, M. (2025). *War in the smartphone Age. Conflict, Connectivity and the Crises at Our Fingertips*. Hurst